

## GRÊMIO ESPORTIVO FORÇA E LUZ: FUTEBOL, TRABALHO, E HISTÓRIA

**Recebido em:** 18/06/2013

**Aceito em:** 28/12/2013

*Marcelo Skowronski<sup>1</sup>*  
*Ronaldo Dreissing de Moraes<sup>2</sup>*  
*Janice Zarpellon Mazo<sup>3</sup>*

Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS  
Porto Alegre – RS – Brasil

**RESUMO:** A criação de clubes de futebol de trabalhadores nas empresas é um fenômeno que se identificou na cidade de Porto Alegre/RS no início da década de 1920. O objetivo da pesquisa é reconstruir a trajetória do Grêmio Esportivo Força e Luz, uma associação de futebolistas que reunia os trabalhadores da empresa Companhia Força e Luz Porto-Alegrense, dos anos 1920 aos anos 1950, quando a empresa encerrou suas atividades. Foram analisadas as seguintes fontes impressas: revista comemorativa de 79 anos do clube, edições do Almanaque Esportivo do RS e reportagens de jornais. Além de uma revisão bibliográfica em livros e artigos sobre o futebol no RS. Observa-se que o futebol, desde o princípio do século XX, ao mesmo tempo em que era um esporte restrito aos clubes sociais, significou uma conquista dos trabalhadores no cenário esportivo estadual, com a organização do “Força e Luz”.

**PALAVRAS-CHAVE:** Esporte / história. Futebol. Atividades de Lazer.

### “GRÊMIO ESPORTIVO FORÇA E LUZ”: SOCCER, WORK, AND HISTORY

**ABSTRACT:** The creation employees’ soccer clubs on the companies is a phenomenon that was identified in the Porto Alegre city RS state in the beginning of 1920s. The objective of the research is to reconstruct the “Grêmio Esportivo Força e Luz” trajectory, a soccer association that was bring together the “Companhia Força e Luz Porto-Alegrense” in the twenties until de fifties, when the company ended his business. It was analyzed this printed sources: a journal commemorating the club 79 anniversary; “Almanaque Esportivo do RS” issues; news reports of the newspapers, besides a literature review in books and articles about soccer in RS. It is noted that soccer, since the twenty century begining, in the same time was a sport restrict in the social clubs, means a victory of the employees in the state sport scene with the Força e Luz creation.

**KEYWORDS:** Sport / History. Soccer. Leisure Activities.

<sup>1</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano (PPGCMH). Escola de Educação Física (ESEF). Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) – Porto Alegre/RS.

<sup>2</sup> Mestrando do PPGCMH da ESEF/UFRGS – Porto Alegre/RS.

<sup>3</sup> Professora Doutora do PPGCMH da ESEF/UFRGS. Porto Alegre/RS.

## **Introdução**

Em Porto Alegre, os primeiros clubes que fomentaram a prática do futebol foram organizados por grupos identificados com a elite econômica da comunidade teuto-brasileira. Foi o caso do *Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense* e do *Fussball Porto Alegre*, ambos criados no ano de 1903. Mas esse quadro começou, gradualmente, a se modificar a partir de 1909, quando foi fundado o *Sport Club Internacional* em Porto Alegre, um clube pluriétnico (JESUS, 2001).

Até o princípio da década de 1920, não havia em Porto Alegre clubes de futebol oriundos de fábricas/empresas. Diferentemente de outras cidades brasileiras, que no início do século XX fomentaram a prática do futebol pelos trabalhadores como forma de integração social. São exemplos a cidade de Sorocaba/SP, no ano de 1902 com a fundação do Votorantim *Athletic Club* por técnicos e operários ingleses da Fábrica de Tecidos Votorantim (ANTUNES, 1994) e a cidade do Rio de Janeiro, que possuía o Bangu Atlético Clube desde 1904 (CALDAS, 1994).

Na capital do estado do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, embora já se verificasse um número razoável de associações de futebol, nenhuma delas estava vinculada a uma fábrica/empresa. A primeira associação fundada na cidade foi o Grêmio Esportivo Força e Luz, no dia oito de setembro de 1921, por funcionários das Companhias Força e Luz Porto-Alegrense e Carris Porto Alegrense, ambas filiadas às Empresas Elétricas Brasileiras Sociedade Anônima. Desde os primeiros anos, o “Força e Luz” disputou diversas competições ao lado de representativos clubes de futebol porto-alegrenses até o encerramento das suas atividades no final da década de 1950.

O presente estudo tem como objetivo apresentar a trajetória do Grêmio Esportivo Força e Luz, uma associação de futebolistas que reunia os trabalhadores da empresa Companhia Força e Luz Porto-Alegrense, desde sua fundação na década de 1920 até o encerramento das atividades no final da década de 1950. Tal fato se justifica pela relevância em preservar a identidade do esporte e suas relações com a sociedade no Rio Grande do Sul e no Brasil. Para tanto, foram analisadas as seguintes fontes de pesquisa: revista comemorativa de 79 anos do clube, edições do Almanaque Esportivo do Rio Grande do Sul e reportagens de jornais porto-alegrenses. Além disto, foi realizada uma revisão bibliográfica em livros e artigos sobre o futebol no Rio Grande do Sul. Os tópicos que seguem apresentam os resultados da análise documental das fontes.

### **O futebol chega a capital do Rio Grande do Sul**

Ao tratarmos da chegada do futebol em território sul rio-grandense nos últimos anos do século XIX, logo remetemos nossa memória esportiva à cidade de Rio Grande, afinal é nesta que surge o clube de futebol mais antigo do Brasil em atividade, o *Sport Club Rio Grande*, fundado em 1900. Além de Rio Grande, cujo Porto serviu de entrada para as primeiras bolas de futebol, as cidades de Uruguaiana e Livramento, que fazem fronteira com o Uruguai também figuram como possíveis portas de entrada do futebol no Estado. Ainda nesta direção, Lopes Sobrinho (1989), relata que o futebol já era praticado nos colégios maristas do Rio Grande do Sul desde o ano de 1879.

Apesar de não possuir conquistas expressivas no certame nacional, o *Sport Club Rio Grande* marcou seu nome na história por desempenhar um papel de grande relevância para a disseminação do futebol no Rio Grande do Sul. Formado a partir da reunião dos esforços de alemães, ingleses, portugueses e brasileiros, no ano seguinte a

sua fundação começou a despontar em excursões pelas cidades do Estado com a finalidade de apresentar o novo esporte aos sul-rio-grandenses.

A sociedade porto-alegrense foi apresentada ao futebol pela iniciativa do *Sport Club Rio Grande*. A visita deste clube de futebol à capital foi organizada pelos clubes Germânia de Porto Alegre e Germânia de Rio Grande, ambos identificados com a elite teuto-brasileira nas suas respectivas cidades. O *Sport Club Rio Grande* enviou de navio a Porto Alegre, um grupo de jogadores para fazer uma demonstração da novidade, em setembro de 1903 (RAMOS, 2000). Assim, os porto-alegrenses conheceram o futebol, uma prática civilizada (ELIAS, 1994), que estava em voga nos grandes centros urbanos do país, Rio de Janeiro e São Paulo<sup>4</sup>.

No dia 15 de setembro de 1903, oito dias após a visita do clube de Rio Grande, foram fundadas as primeiras associações futebolísticas de Porto Alegre: o Grêmio *Foot-Ball* Porto Alegre e o *Fuss-Ball Club* Porto Alegre. Em Porto Alegre, diferentemente de outras cidades do país, a emergência do futebol vincula-se a elite teuto-brasileira, que organizou as primeiras associações esportivas. Segundo Jesus (2001, p. 181): “No final do século XIX os alemães edificaram uma ampla base esportiva, sobretudo em Rio Grande e Porto Alegre, facilitando a adoção posterior do futebol”.

No Rio Grande do Sul, inicialmente o futebol foi visto como um esporte elitista e com caráter excludente, sendo a sua prática realizada pelas camadas da população privilegiadas economicamente. Até 1912, existiam em Porto Alegre três associações de futebol vinculadas à comunidade teuto-brasileira: Grêmio *Foot-Ball* Porto Alegre, *Fuss-Ball* Porto Alegre e o *Fuss-Ball Mannschaft Frisch-Auf* vinculado a *Turnerbund*, atual Sociedade de Ginástica Porto Alegre (SOGIPA). Entretanto, este

---

<sup>4</sup> A primeira Liga de futebol em São Paulo foi criada em 1901, no ano seguinte foi realizado o primeiro torneio oficial. No Rio de Janeiro, a primeira Liga foi criada em 1905.

cenário futebolístico da capital começou a sofrer alterações a partir do ano de 1909, com a criação do *Sport Club* Internacional, clube que foi organizado por homens de camadas médias, e oriundos de segmentos étnicos subalternos (DIENSTMANN, 1987).

Na década de 1910, o futebol começou a conquistar espaço em Porto Alegre com o surgimento de associações nas fábricas/empresas e, em bairros com significativa presença de trabalhadores. A prática do futebol expandiu-se, atravessando os bairros e as regiões mais desenvolvidas da cidade de Porto Alegre. Conforme banco de dados produzido por Mazo (2010), novas associações de futebol foram fundadas em Porto Alegre no período: Esporte Clube São José (1913), Sociedade Esportiva *Sokol* (1913), Esporte Clube Cruzeiro (1913), *Sport Club* Ruy Barbosa (1915), Ipiranga Futebol *Club* (1917).

Com a emergência de novos clubes foi criada a Liga Porto Alegrense de Futebol (atual Federação Gaúcha de Futebol) em 1918. No ano seguinte, foi realizado o primeiro campeonato gaúcho de futebol, com a participação de alguns clubes da cidade de Pelotas, o clube 14 de Julho da cidade de Livramento, além do Grêmio *Foot-Ball* Porto Alegrense (DIENSTMANN, 1987). A prática do futebol em clubes começou a se alterar em Porto Alegre no final da década de 1920, quando se multiplicou o número de associações, conforme levantamento realizado por Mazo e colaboradores (2012): Botafogo *Foot-ball* Clube (1920); C. C. Riograndense (1920); *Sport Club* Oriental (1921); *Pombal Foot-ball* Clube (1922); Grêmio Esportivo Sulbanco (1925); Mauá *Foot-ball* Clube (1925); Grêmio Esportivo Gerdau (1926); Esporte Clube Vila Federal (1927); Vila Cristal Futebol Clube (1928); Grêmio Esportivo Israelita (1929). Neste cenário foi organizado o Grêmio Esportivo Força e Luz. Stédile (2010) e Mazo (2010) também destacam outros clubes com origem e vinculação operária, fundados entre os

anos de 1931 e 1937, como o Grêmio Esportivo Renner; Grêmio Esportivo Fiaterci (Fábrica de Fiação de Tecidos); Grêmio Esportivo Estivadores; Grêmio Esportivo Zivi, Müller, Hercules; Nacional Atlético Clube, com vínculo ao Departamento Desportivo da Viação Férrea; Grêmio Esportivo Circulista, ligado aos Círculos Operários e o Garratt Futebol Clube.

### **O futebol e os trabalhadores**

Futebol e trabalho parecem andar juntos desde o início do século XX. Conforme aponta Antunes (1994, p. 104), “inúmeros clubes surgiram de partidas de futebol improvisadas na rua ou no pátio da fábrica, durante o intervalo para o almoço”. Inicialmente visto como descontração, o esporte foi gradativamente ampliando o número de simpatizantes e passou a incorporar certos níveis de organização que por vezes acabava resultando no surgimento de clubes de fábrica.

O gosto pelo futebol crescia e com ele a vontade de melhorar as condições de sua prática, de jogar como os ingleses, com equipes completas, uniformes, uma bola de couro, um campo, um lugar para se reunirem e guardar o material esportivo; enfim, vontade de organizar um “clube de futebol”. (ANTUNES, 1994).

Para os empregadores também era interessante a disseminação da prática futebolística em suas empresas. Eles perceberam ali a possibilidade de obter mais controle sobre os seus empregados, aproximando a relação entre diretores e funcionários, e também viam que investimentos nessa área poderiam ser lucrativos.

A apropriação do futebol por trabalhadores, por outro lado, não ocorria de forma tranquila em todas as regiões do país. No Rio de Janeiro, na primeira década do século XX tal situação era vista com insatisfação por alguns setores da sociedade; os anarquistas, por exemplo, viam o esporte como um instrumento de alienação do operariado em relação aos patrões (ROSA, 2005). Esta visão anarquista vai ao encontro

aos estudos de Góes (1988), ao descrever que os patrões realmente pretendiam ter o controle sobre seus empregados, impedindo assim que estes se organizassem como classe para lutarem por condições de trabalho mais dignas. Nesse sentido, era possível observar fábricas promovendo jogos de futebol, missas, entre outros eventos, com o objetivo de distrair e ocupar os trabalhadores de forma que estes não se voltassem contra seus chefes.

A animosidade expressada pelos anarquistas em relação ao futebol nas fábricas é de certa forma absorvida pelo operariado em diversas cidades do Brasil por volta de 1910, quando começam a eclodir greves e manifestações operárias em busca de melhores condições de vida e de trabalho. É também a partir do final da década de 1910, que acontece uma mudança de posição, especialmente dos anarquistas em relação ao futebol. Ao perceberem que, ao incentivar a prática do futebol, poderiam atrair para as suas reuniões um número maior de trabalhadores, começaram a promover jogos entre as classes operárias. Estas tentativas não tiveram bons resultados, afinal, o que a classe operária realmente queria, conforme relata Ferreira (2005) era utilizar o futebol como um meio de entretenimento, pouco lhes interessava discussões sobre a causa operária.

Apesar de algumas turbulências, o futebol nas fábricas foi se desenvolvendo desde os primeiros anos do século XX. De acordo com Antunes (1994), o primeiro clube de fábrica a surgir no Brasil foi o Votorantim *Athletic Club*, fundado em 1902, pela iniciativa de técnicos e operários ingleses da Fábrica de Tecidos Votorantim, na cidade de Sorocaba, São Paulo. Outro clube de operários que teve participação importante na disseminação do futebol no país foi o Bangu Atlético Clube. Fundado em 1904, a equipe de funcionários da fábrica de tecidos Companhia Progresso Industrial do Brasil, situada no Bairro Bangu da cidade do Rio de Janeiro, admitia nos primeiros anos

de sua criação apenas ingleses e trabalhadores de outras nacionalidades. No entanto, conforme destaca Lopes (2004): “O isolamento geográfico de Bangu fazia com que os ingleses tivessem que incorporar não somente outros chefes e empregados de outras nacionalidade e brasileiros, mas também operários” (LOPES, 2004, p. 130).

A exemplo do Bangu, várias outras empresas criaram clubes de trabalhadores no futebol, tanto para proporcionar aos funcionários momentos de entretenimento e lazer, como para mostrar à elite econômica e política do país que também tinham o direito de praticar a novidade esportiva. Foi o caso da *Light e Power*, em São Paulo, na década de 1930; a Companhia Carbonífera, em Criciúma na década de 1960; a A. J. Renner, em Porto Alegre, entre as décadas de 1930 e 1950 (DAMO, 1998).

A grande expansão do futebol nas fábricas pelo território brasileiro acabou proporcionando vantagens tanto para os trabalhadores como para os empregadores. Os donos das fábricas eram beneficiados na medida em que o nome de suas empresas era reportado na mídia, auxiliando desta forma na popularização das fábricas e dos produtos. Já para os trabalhadores, a vantagem aparecia quando estes conseguiam atuar no time principal da fábrica, desta maneira passavam a desfrutar de inúmeros privilégios. Segundo Ferreira (2005), alguns trabalhadores eram transferidos para serviços mais leves, outros eram dispensados mais cedo do trabalho para poder treinar, recebiam premiações conforme o time vencesse, além de terem o caminho aberto para uma possível ascensão dentro da empresa.

Segundo Antunes (1994), por determinação dos estatutos esportivos criados durante o Estado Novo (1937-1945), os campeonatos amadores entre empresas deveriam ser organizados pelas ligas classistas, e os jogos se transformariam em espetáculos de propaganda. O sucesso do clube era encarado como um reflexo do

sucesso da empresa, razão pela qual se passou a exigir qualidade técnica dos jogadores, e não mais somente o gosto pela prática. Esta seria uma explicação plausível do apoio financeiro das diretorias aos seus clubes de futebol.

A partir daí, muitas pessoas passaram a ver nas fábricas a excelente oportunidade de conseguirem seus espaços nos clubes profissionais. À medida que outros trabalhadores, a exemplo de Garrincha, Barbosa e Leônidas da Silva, iam sendo projetados com sucesso para o futebol profissional, essas pessoas ficavam ainda mais motivadas a buscarem seus objetivos nos clubes operários.

Bons jogadores, não necessariamente bons trabalhadores, começaram a ser contratados pelas fábricas, visando o sucesso das equipes esportivas. Em alguns casos, esses futebolistas, apesar de possuírem registros nas indústrias como operários, atuavam somente nos times de futebol. A essa prática comum àquela época, Antunes (1994) denominou de “emprego de cobertura”, uma vez que dos torneios amadores só participavam trabalhadores registrados regularmente.

O apoio das direções aos clubes e as contratações de jogadores como operários, tendo em vista o sucesso dos times de futebol, acabou criando um falso amadorismo, cujo período mais intenso foi nas décadas de 1940 e 1950. Em algumas associações evidenciava-se um profissionalismo camuflado. Era observado tanto de forma direta, através do pagamento em dinheiro, com roupas ou bens, como indiretamente, através do profissionalismo fabril, pelo qual não só se concediam empregos e vantagens ao operário/jogador condicionando-o a defender o time, bem como o direito de treinar em horário de expediente (CALDAS, 1990). Como exemplo no Rio Grande do Sul, vale citar o Grêmio Esportivo Renner, clube vinculado ao grupo de empresas Renner que conquistou o título gaúcho em 1954.

A inserção da prática do esporte no ambiente dos trabalhadores deu-se de maneira semelhante na maioria das fábricas e associações do país. Os clubes, em muito contribuíram para a descaracterização do futebol como um esporte da elite, passando a ser praticado por elementos das classes menos favorecidas economicamente. Conforme Sodré (1977), o futebol sofre os reflexos da consolidação da sociedade urbano-industrial e da participação da população brasileira no quadro político nacional, sob a influência do populismo.

O futebol que era desenvolvido pelas associações esportivas de forma amadora começou a profissionalizar-se<sup>5</sup>. Muitos jogadores profissionais provinham de classes populares e, frequentemente, eram negros. Com o aprimoramento do profissionalismo futebolístico, os jogadores poderiam melhorar suas condições de vida sem dependerem do trabalho nas fábricas, dedicando-se exclusivamente ao esporte. Em função disso, Antunes (1994) diz que a partir dos anos 1960, a prática decaiu e a trajetória de grande parte dos clubes de fábrica se perdeu no tempo. Exemplifica-se novamente com o caso do Grêmio Esportivo Renner, que encerrou suas atividades em 1959.

### **A origem do “Força e Luz”**

A fundação do Grêmio Esportivo Força e Luz está estreitamente ligada com o sistema de transporte coletivo da cidade de Porto Alegre. O crescimento vegetativo positivo a partir de 1850 em conjunto com a chegada de imigrantes europeus, fez com que a cidade sofresse diversas transformações em sua estrutura. Desta forma, Porto Alegre se deparou com a necessidade da criação de um meio de transporte que fizesse a

---

<sup>5</sup> O período de 1905 a 1933 é a fase amadora do futebol, com grande divulgação e ênfase para melhorar o nível do jogo através de subsídios aos jogadores.

ligação dos diversos pontos da cidade, que estavam ficando cada vez mais afastados uns dos outros devido à expansão do município.

A partir do ano de 1864, passou a circular pela capital alguns bondes movidos à tração animal, os quais ficaram conhecidos popularmente como maxambombas, responsáveis na época pela ligação do Bairro Menino Deus, o mais antigo de Porto Alegre, ao Bairro Centro da cidade. A eficiência deste meio de transporte era prejudicada especialmente em dias chuvosos, pois os trilhos, feitos de madeira, se tornavam bastante escorregadios, sendo assim, eram constantes os descarrilamentos. Este meio alternativo de transporte não durou muito tempo devido às perturbações de relacionamento entre os empresários da empresa e o poder público.

Porto Alegre possuía cerca de 44 mil habitantes, quando aos 19 dias do mês de junho de 1872, por meio de um decreto do imperador D. Pedro II, granjeou a Companhia Carris de Ferro Porto-Alegrense. A empresa iniciou efetivamente suas atividades em janeiro do ano seguinte, começando a modernizar o transporte coletivo da cidade através da implantação de trilhos de ferro pelas ruas que ligavam os bairros ao centro. Os veículos empregados a partir deste momento já eram mais modernos que as maxambombas, no entanto o uso da tração animal ainda era a forma predominante para a condução destes.

No ano de 1891, devido ao constante crescimento, tanto físico como demográfico da capital sul rio-grandense, viu-se a necessidade da instalação de mais uma empresa de transporte coletivo. A Companhia Carris Urbanos de Porto Alegre surge com o objetivo de suprir a demanda não assistida pela Companhia Carris de Ferro Porto-Alegrense.

A cidade não parava de crescer e com isso o uso de animais para o transporte já começava a se tornar algo demorado e com um custo elevado. Desenhava-se a necessidade de buscar um meio de transporte mais rápido e barato, sendo que a melhor forma encontrada foi a mudança do meio de tração dos bondes por um sistema dependente da eletricidade e não mais dos animais. Como já dispunha da estrutura adequada e dependia apenas da eletricidade para tornar mais moderno e eficiente o sistema de transporte da cidade, a Companhia Carris de Ferro Porto-Alegrense, já procurando também aumentar seu capital para consolidar este novo desafio, uniu-se com a Carris Urbanos e deu origem em 1906 à Companhia Força e Luz Porto Alegre (CFLPA). Esta, por sua vez, tornou-se responsável pelo fornecimento de energia elétrica e pelo transporte coletivo da capital.

O sucesso do novo empreendimento estava consolidado, mas nos bastidores da CFLPA a relação entre patrão e empregado não era harmônica. Conforme relata Monteiro (2007, p. 10), “os trabalhadores alegavam que exerciam suas funções sob péssimas condições, com salários muito baixos, além de a empresa não lhes oferecer uma política previdenciária”. Tais fatores despertaram a necessidade de mobilização da classe trabalhadora e “a exemplo do que vinha acontecendo com outros trabalhadores, os funcionários da Companhia Força e Luz se articularam em dois níveis distintos: como embrião de organização sindical, e também incentivando a criação de uma agremiação com a finalidade de constituir um fundo de previdência” (NUNES e VILARINO, 1992, p. 26).

A constituição de uma agremiação pelos trabalhadores pode ser ter sido o primeiro passo para o nascimento do Grêmio Esportivo Força e Luz:

A diretoria provisória, deste Grêmio, convocou os sócios, para uma sessão de Assembléia Geral, no dia 08/09, à Rua 24 de maio (Antiga General Caldwell) nº 128, sobrado, às 20h. Esta sessão tem por fim eleger a diretoria definitiva

e tratar de diversos assuntos urgentes (CORREIO DO POVO, 06/09/1921, p. 6).

Esta reportagem trata do primeiro clube de fábrica organizado para a prática do futebol em Porto Alegre. O Grêmio Esportivo Força e Luz, transparece desde então a existência de um grupo organizado de trabalhadores, que buscavam a partir daquele momento a consolidação de um novo clube de futebol. Além disso, a expressão “assuntos urgentes” nos faz refletir sobre como estaria a situação destes trabalhadores e/ou se simplesmente visavam dialogar sobre questões referentes à criação do clube.

Aspecto relevante de ser observado, tendo em vista que o clube se originou no início da década de 1920, é o fato de o futebol na época ainda ser produto destinado a classes mais favorecidas, ou seja, era um esporte elitizado. Desta maneira, pode-se presumir que os trabalhadores, vendo lhes negada a possibilidade de desfrutar do novo esporte, decidiram por conta própria introduzir em suas vidas esta nova forma de diversão e distração.

Embora exista documentos que relatem o surgimento do “Força e Luz” no ano de 1921, é possível encontrar em outras fontes informações que não conferem com esta data. É o caso do observado na sessão Futebol de Campo em Porto Alegre-RS, presente no Atlas do Esporte do Rio Grande do Sul, onde consta o ano de 1922 como sendo de fundação do clube, no entanto, o dia e o mês são os mesmos do achado no jornal Correio do Povo (CORREIO DO POVO, 06/09/1921). Ainda neste sentido, o mesmo Correio do Povo publica no ano de 1935 outra matéria e ao anunciar o aniversário do “Força e Luz”, acaba por corroborar com a data encontrada no Atlas do Esporte do Rio Grande do Sul: “No dia 08/09/1922 era fundado por um grupo de abnegados desportistas o hoje florescente Grêmio Esportivo Força e Luz” (CORREIO DO POVO, 08/09/1935, p. 20). Apesar destas diferenças, toma-se como referência para este estudo

a data de 1921 pelo fato desta estar presente no símbolo do clube e também constar nos jornais da época, conforme trecho que segue:

Este Grêmio, em sessão de Assembléia Geral, realizada a 8 do corrente mês, elegeu a sua diretoria, que ficou assim constituída: presidente, José Macedo Jardim; vice-pres., Álvaro Britto; 1º secretário, Honorino Passos; 2º secretário, Coracy Santos; capitão geral, Rosendo Rosa; capitão do 1º team, Damázio Polli; guarda sport., Oscarino Prestes; fiscal, Juvenil Rodrigues (CORREIO DO POVO, 11/09/1921, p. 8).

Após seis dias da sua criação, o “Força e Luz” já disputava sua primeira partida. Segundo informações do jornal Correio do Povo, o time jogou no dia 15 de setembro contra o Bloco dos Sargentos, composto por jogadores do *Endymion Foot-Ball Club*. Na ocasião, o clube venceu por 3x1 (CORREIO DO POVO, 14/09/1921, p. 6).

Inicialmente o clube passou por dificuldades tanto na obtenção de recursos para a manutenção e aquisição de materiais, quanto para a realização dos treinamentos, pois ainda não dispunha de um campo próprio. Isto se identifica na matéria publicada em um jornal de Porto Alegre, que homenageou os 14 anos do clube, rememorando fatos do início da sua trajetória:

Modesto e desprovido de recursos financeiros, o novo Grêmio vivia mais do sacrifício pessoal dos seus esforçados componentes do que de meios próprios. Jogando em campos emprestados, por favor de seus co-irmãos mais importantes, e arrostando empecilhos e dificuldades que a cada passo se lhe antepunham, foi se firmando e vencendo galhardamente as crises que ameaçavam a sua jovem existência (A SEMANA ESPORTIVA, 09/09/1935, p. 2).

Alavancado por “trabalhadores do futebol”, o “Força e Luz”, como sugere a reportagem, ficou muito próximo de ser extinto ainda jovem. A situação começou a tomar novos rumos no ano de 1923, quando o clube ingressou e venceu a Série B da segunda divisão do campeonato promovido pela Associação Porto Alegrense de Desportos (APAD). Nesta competição era permitida a participação de jogadores negros e de baixa condição econômica, no entanto, o campeão não seria promovido à primeira

divisão. Este fato evidencia o domínio das classes da elite sobre a principal divisão do futebol na época.

Dando continuidade às suas competições, em 1924, já na Série A da segunda divisão, o “Força e Luz” conquistou o vice-campeonato no primeiro quadro e os títulos de campeão nos segundo e terceiros quadros. Estas vitórias trouxeram benefícios para os trabalhadores, pois além de começarem a assumir um espaço mais significativo no cenário futebolístico da capital, passaram a ser vistos com outros olhos pelos administradores das empresas onde trabalhavam. No ano seguinte, a APAD encerrou os campeonatos da segunda divisão. Existia na época outra instituição que promovia os campeonatos, a Associação Porto Alegrense de *Foot-Ball* (APAF), no entanto, o “Força e Luz” manteve-se ausente de competições oficiais por alguns anos devido a impossibilidade de escalação de jogadores humildes (MONTEIRO, 2007).

Somente no ano de 1930, já com o quadro de restrições sociais alterado, o “Força e Luz” voltou a disputar a série B, desta vez ingressando na Associação Metropolitana Gaúcha de Esportes Atléticos (AMGEA). Disputando suas partidas na Chácara das Camélias (campo que pertencia ao *Fussball Club* Porto Alegre) a equipe conseguiu o acesso à série A em 1931. Além de disputar a Série A, mais uma vez o clube mudou o endereço do seu campo, que passa a ser o gramado da Rua Arlindo, primeiro espaço utilizado pelo *Sport Club* Internacional. Era um campo municipal, usado também por outros clubes da capital como o Cruz de Malta, o Ferroviário e pelos clubes da Liga da Canela Preta (MEMORIAL DO RIO GRANDE DO SUL, 2005, p. 2).

O ano de 1931 também ficou marcado na história do “Força e Luz” por uma grande conquista. O clube passou a ter o apoio das empresas de que eram provenientes seus associados: Companhia Carris Porto Alegrense e Energia Elétrica Rio-grandense.

Esta última antecedeu o que hoje é a Companhia Estadual de Energia Elétrica (CEERG), atualmente CEEE.

O apoio resultou em investimentos para o melhor desenvolvimento do futebol, além da criação de um espaço, para que os associados e seus familiares pudessem desfrutar de diversos serviços. Foi inaugurada a sede social do “Força e Luz”, “entidade formada para o aperfeiçoamento do valor físico e moral de seus associados, é composto em sua maioria de elementos que compõem a laboriosa classe dos ‘Servidores do Público’” (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 27/10/1931, p. 9). Na reportagem, ainda constava que no quadro social da entidade somente ingressariam os funcionários da Companhia Carris Porto Alegre e Energia Elétrica Rio Grandense.

A inauguração da sede do “Força e Luz”, situada na Rua General Lima e Silva, número 432, contou com a presença de funcionários e diretores das companhias, além do bispo de Porto Alegre, autoridades civis e militares, bem como o governador do Rio Grande do Sul, na época o General José Antônio Flores da Cunha. O jornal “O Sport” do Rio de Janeiro, do dia nove de novembro de 1931 noticiou a inauguração da sede do “Força e Luz”:

O local da sede do GEFL é magnífico. Ele consta de uma grande edificação de material, com diversas dependências. Há salas excelentes para biblioteca, secretaria, rádio, aulas para os sócios e seus filhos, restaurante, vestiário, banheiros e modernas instalações sanitárias (O SPORT, 09/11/1931, p. 3).

Além de inaugurar sua sede social, em 1931 obteve o vice-campeonato do Torneio Encerramento, perdendo o título para o Grêmio *Foot-ball* Porto Alegre. Em 1932 o “Força e Luz” retomou sua participação em competição organizada pela AMGEA, que formou duas séries, ficando o “Força e Luz” novamente na série B. Contudo, devido a desistência dos demais participantes desta série, o “Força e Luz” foi declarado campeão, classificando-se também para disputar com o Esporte Clube São

José, último colocado da série A, uma vaga naquela série para o ano seguinte. Acabou perdendo a melhor de três partidas e voltou a jogar na série A somente em 1934. Neste ano, no dia 14 de abril inaugurou seu estádio.

O estádio do “Força e Luz” ficou conhecido pelo nome de Timbaúva. Tal designação refere-se ao fato de que existiam ao redor do campo de futebol várias espécies de árvores, entre as quais se destacava um pé de Timbaúva (REVISTA COMEMORATIVA, 2000). A partir de então, o Timbaúva sediou diversas competições, como o Torneio de Encerramento realizado em 1935 pela AMGEA, no qual o “Força e Luz” tornou-se campeão.

Apesar de nesta época já existirem os estádios do Grêmio *Foot-Ball* Porto Alegre e do *Sport Club* Internacional, foi o estádio do “Força e Luz” que sediou a primeira partida no Estado válida pelo Campeonato Brasileiro de Futebol, no dia sete de junho de 1936, promovido pela Confederação Brasileira de Desportos (CBD), entre cariocas e gaúchos. No mesmo ano, os clubes *Sport Club* Rio Grande, *Sport Club* Internacional, Esporte Clube Novo Hamburgo, Riograndense Futebol Clube de Santa Maria e Botafogo de São Gabriel começaram as disputas das finais do campeonato gaúcho “com rodada dupla no estádio da Timbaúva, do G. E. Força e Luz” (MEMORIAL DO RIO GRANDE DO SUL, 2005, p. 18).

Na década de 1940 o “Força e Luz” passou a se chamar Esporte Clube Rio Branco, contudo não encontramos informações sobre a mudança de nome. Com o novo nome conquistou em 1941 o vice-campeonato da cidade no seu campo com iluminação, possibilitando que a decisão do campeonato gaúcho fosse noturna (MEMORIAL DO RIO GRANDE DO SUL, 2005, p. 18).

A mudança de nome não se prorrogou por muito tempo e no dia oito de dezembro de 1947, mais uma vez teve seu nome alterado, desta vez para Esporte Clube Corinthians Porto Alegre, apadrinhado pelo clube paulista Corinthians. Na ocasião, o clube paulista cedeu alguns de seus jogadores para a festividade, e compareceu com toda a sua diretoria, além de renomados jogadores como Domingos da Guia, Baltazar e Servilho. Com esta denominação conquistou o vice-campeonato da cidade em 1947 e 1948, perdendo os títulos para o *Sport Club* Internacional. O clube ficou com o nome de Esporte Clube Corinthians Porto Alegre durante três anos, quando o conselho deliberativo, em assembleia geral decidiu pela volta ao nome de origem: Grêmio Esportivo Força e Luz (REVISTA COMEMORATIVA, 2000; MONTEIRO, 2007).

Outro fato importante na história do clube aconteceu no ano de 1955 quando o Força e Luz adquiriu um pavilhão para as arquibancadas de seu estádio. O pavilhão foi ganho como parte da transferência de um jogador seu para o Grêmio *Foot-ball* Porto Alegre, o qual ficou conhecido pelo primeiro nome adicionado do bem material que fez parte das negociações. “Airton Ferreira da Silva, foi o personagem do Grêmio mais conhecido como Airton pavilhão” (DELFINO, 2013).

O jovem zagueiro começou sua carreira no Força e Luz. Seu virtuosismo e força despertaram o interesse de dirigentes do Grêmio. E a proposta, aceita pelo Força e Luz em 1955, foi: o jogador em troca do pavilhão e mais 50 mil cruzeiros. Airton foi considerado o maior destaque da história do Clube [...] (REVISTA COMEMORATIVA, 2000).

Apesar de não ter conseguido títulos de grande expressão, como aconteceu com outro clube de operários de Porto Alegre, o Grêmio Esportivo Renner, que foi campeão gaúcho em 1954, o “Força e Luz”, contribuiu de forma significativa para o desenvolvimento do esporte na capital. O Timbaúva também foi palco dos primeiros jogos da seleção brasileira em Porto Alegre e de diversos clássicos da dupla Gre-Nal. Em 2006, através de um leilão, o clube vendeu o seu estádio para uma tradicional

empresa de supermercados do Rio Grande do Sul. Segundo Oliveira (2010) “a venda foi de 9,5 milhões e com a venda do estádio o clube perdeu todo o seu patrimônio e não buscou alternativas para se manter ativo”. Neste mesmo ano, o “Força e Luz” protocolou junto à Federação Gaúcha de Futebol a sua extinção.

### **Considerações Finais**

O Grêmio Esportivo Força e Luz foi um clube de futebol que reunia trabalhadores da Companhia Força e Luz Porto Alegre. Apesar da dificuldade de obter informações a respeito do clube, pudemos constatar que o “Força e Luz” significou a organização de um espaço de interação social para os trabalhadores praticarem o futebol. Na época da fundação do clube, início dos anos 1920, o futebol em Porto Alegre ainda era restrito aos associados de clubes sociais.

A pesquisa sobre o “Força e Luz” procurou destacar a importância dos clubes de futebol formados por trabalhadores para a popularização desta prática esportiva. Percebemos na história do futebol no Brasil e mais especificamente no Rio Grande do Sul, que no princípio este esporte era excludente. O surgimento de outros clubes vinculados às empresas no Estado ocorreu a partir da segunda década do século XX, permitindo que outra grande parcela da população, os menos abastados economicamente, tivesse acesso a prática do futebol.

Por fim, a realização de estudos deste tipo torna-se muito importante, quando se deseja que a memória de clubes de futebol, que envolveram e tornaram-se parte do cotidiano de inúmeras pessoas, seja preservada. O simples fato de termos descoberto poucos registros escritos sobre o Grêmio Esportivo Força e Luz nos remete a pensar em quantas trajetórias de clubes de menor expressão futebolística no Estado estão sendo

esquecidas por não estarem documentadas, já que as pessoas envolvidas em tais histórias não viverão para sempre, podendo assim relatá-las a quem interessar.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, Fátima Rodrigues Ferreira. O futebol nas fábricas: de diversão a trabalho. **Revista USP**. Dossiê futebol, n. 22, p. 102-109, 1994.

CALDAS, Waldenyr. **O pontapé inicial**: memória do futebol brasileiro. São Paulo: IBRASA, 1990.

\_\_\_\_\_. Aspectos sociopolíticos do futebol brasileiro. **Revista USP**: Dossiê Futebol, n. 22, p. 40-49, 1994.

CORREIO DO POVO. **Correio do Povo**. Porto Alegre, 06 set. 1921. p. 6.

\_\_\_\_\_. **Correio do Povo**. Porto Alegre, 11 set. 1921. p. 8.

\_\_\_\_\_. **Correio do Povo**. Porto Alegre, 14 set. 1921. p. 6.

\_\_\_\_\_. **Correio do Povo**. Porto Alegre, 08 set. 1935. p. 20.

DAMO, Arlei Sander. **Para o que der e vier**: o pertencimento clubístico no futebol brasileiro a partir do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e seus torcedores. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1998.

DELFINO, Hararre Teixeira. **O futebol dos trabalhadores e a trajetória do Grêmio Esportivo Força e Luz**. Monografia (Especialização) - Jornalismo Esportivo. Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, UFRGS, 2013.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. **Diário de Notícias**. Porto Alegre, 27 out. 1931. p. 9.

DIENSTMANN, Cláudio. **Campeonato Gaúcho**: 68 anos de história. 2. ed. Porto Alegre: Editora Sulina, 1987.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**: Uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

FERREIRA, Fernando da Costa. Futebol de Classe: a importância dos times de fábrica nos primeiros anos do século XX. **Lecturas, Educación Física y Deportes**, Buenos Aires, Ano 10, nº 90, 2005. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd90/times.htm>  
Acesso em: 11jan. 2013.

GÓES, Maria Conceição Pinto de. **A formação da classe trabalhadora**: movimento anarquista no Rio de Janeiro, 1888-1911. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

JESUS, Gilmar Mascarenhas de. **Bola nas redes e o enredo do lugar**. Por uma geografia do futebol e de seu advento no Rio Grande do Sul. Tese (Doutorado em Geografia Humana)- Universidade de São Paulo, 2001.

LOPES, José Sergio Leite. Classe, etnicidade e cor na formação do futebol Brasileiro. In: BATALHA, Cláudio; SILVA, Fernando Teixeira; FORTES, Alexandre (Org.). **Culturas de classe: identidade e diversidade na formação do operariado**. Campinas: Editora Unicamp, 2004.

LOPES SOBRINHO, Hermito. **Futebol e reminiscências: lembrando o futebol do passado**. Santa Maria: Graphos, 1989.

MAZO, Janice Zarpellon. **Banco de Dados das Associações Esportivas e de Educação Física em Porto Alegre/RS (1867-1945)**. Porto Alegre: FEEVALE/APEFRS, 2010. CD-ROM

\_\_\_\_\_. **Associações Esportivas do Rio Grande do Sul: lugares e memórias (1867-2009)**. Porto Alegre: FEEVALE/APEFRS, 2012. , CD-ROM.

MEMORIAL DO RIO GRANDE DO SUL. **Futebol Gaúcho: grandes times e craques inesquecíveis**. Porto Alegre: Memorial do Rio Grande do Sul, 2005.

MONTEIRO, Juliano. **Grêmio Esportivo Força e Luz: a emergência de um clube de futebol de operários em Porto Alegre (1921-1959)**. Trabalho de Conclusão de Curso de Educação Física (Graduação) - Escola de Educação física, UFRGS, Porto Alegre, 2007.

NUNES, Marion Kruse; VILARINO, Maria da Graça. **Carris 120 anos**. Porto Alegre: Carris, 1992.

OLIVEIRA, E. M. **Do campo à arena: a transformação do papel dos estádios de futebol na dinâmica urbana em Porto Alegre, dos anos 50 aos dias de hoje**. Trabalho de Conclusão de Curso de Geografia (Graduação). Instituto de Geociências, UFRGS, Porto Alegre, 2010. Disponível em: < <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/28507>>. Acesso em: 20 dez. 2013.

RAMOS, Miguel Glaser. S.C. **Rio Grande, centenário do futebol brasileiro**. Rio Grande: Editora da Furg, 2000.

**REVISTA Comemorativa dos 79 anos do Grêmio Esportivo Força e Luz**. Porto Alegre: EDICOM, 2000.

ROSA, André Luiz. Futebol: Ópio ou Prazer? Um breve estudo sobre a origem do futebol no Brasil e a sua inserção no cerne da classe operária. **História e História**, Campinas, 2005. Disponível em: [www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=artigos&id=33](http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=artigos&id=33) . Acesso em: 11 jan. 2013.

A SEMANA ESPORTIVA. **A Semana Esportiva**. Porto Alegre, 09 set. 1935. p. 2.

SODRÉ, Muniz. **O Monopólio da Fala**. Petrópolis: Vozes, 1977.

O SPORT. **O Sport**. Rio de Janeiro, 09 de novembro de 1931, p. 3.

STÉDILE, Miguel Enrique. Da fábrica à várzea: clubes de futebol operário em Porto Alegre (1931-1937). **EFDeportes**, Revista Digital. v. 15, n. 151, Buenos Aires: 2010. Disponível em: < <http://www.efdeportes.com/efd151/da-fabrica-a-varzea-clubes-de-futebol-operario.htm>>. Acesso em: 20 dez. 2013.

### **Endereço dos Autores:**

Marcelo Skowronski:  
Rua santa Cecília, 1983 ap. 509  
Bairro rio Branco  
Porto Alegre/RS - 90420-041  
Endereço Eletrônico: marcelosko@gmail.com

Ronaldo Dreissing de Moraes  
Rua Enes Bandeira, 218/502  
Bairro Cristo Redentor  
Porto Alegre/RS - 91040-330  
Endereço Eletrônico: ronaldodreissig@yahoo.com.br

Janice Zarpellon Mazo  
Av. cel. Lucas de Oliveira, 2507/402  
Bairro Petrópolis  
Porto Alegre/RS- 90.460-001  
Endereço Eletrônico: janmazo@terra.com.br